apontados seriam fàcilmente justificáveis. Por exemplo: a má qualidade das estampas — o que se impõem pela necessidade de publicação a baixo custo), é com prazer que chamamos a atenção para mais essa louvável iniciativa da Companhia Melhoramentos, trazendo ao nosso público de jovens estudantes um livro capaz de despertar interêsse por êsses assuntos. Insuficiente ainda, talvez em alguns aspectos deficiente, mas uma ótima iniciativa. Recomendamo-lo aos professôres do curso secundário. Não para que se sirvam dêle como obra de consulta pessoal, mas para que possam colocá-lo à disposição dos alunos. E nesse sentido êle é imprescindível na biblioteca de um professor de História. Façamos votos para que êsse empreendimento receba o devido apôio e que ao *Primeiro Encôntro com a Arte* se sigam muitos outros (1).

EMÍLIA COSTA NOGUEIRA

HALKIN (Léon-E.). — *Initiation à la Critique Historique*. Cahiers des Annales, 2a. ed. Armand Colin ed., Paris, 1953, 191 pp.

Embora o meu "ofício" não seja pròpriamente o do historiador, acanhado, portanto, em invadir seara alheia, não me furto ao prazer e à tentação de assinalar nesta *Revista,* o livro do Prof. Léon-E. Halkin, da Universidade de Liège. E a isso sou levado porque verifico, freqüentemente entre nós, um fato curioso: a grande atração, a verdadeira fascinação que sôbre nós exercem as *filosofias da história,* filosofias estas de que muito suspeitam os historiadores e das quais também desconfiam — como aliás convém — os filósofos. E' certo que elas nem sempre nascem de uma exata noção do *histórico* e nem sempre apresentam o sentido crítico que é característico próprio do *filosofar*. E' isso, pois, que me leva, sem cerimônia, a invadir uma seara na qual tenho trabalhado um pouco mas que, afinal, não é a minha; é isso que me leva a sublinhar a importância dêste livro que já vai na segunda edição e do qual só tive conhecimento há pouco.

Sem dúvida, o trabalho do Prof. Halkin merecia nota mais longa e mais minuciosa e não apenas a breve indicação que passo a fazer. Não quero, porém, retardar a apresentação de tão importante instrumento do trabalho como é o livro do Prof. Halkin, ao qual Lucien Febvre chama, justamente, de: *"Iniciação sem pedantismo à crítica histórica"* (p. 3). Aliás, aproveito a oportunidade para lembrar, também, de passagem, um outro livro que é grande e excelente lição de história, — o de Lucien Febvre, *Combats pour l'Histoire* (Armand Colin ed. Paris, 1953, 458 pp.) ao qual talvez ainda me referirei em outra ocasião. Êste trabalho do grande mestre que é Lucien Febvre é uma das melhores introduções que conheço ao difícil "ofício" de historiador. Livros como êste, inteligentes e vivos, ensinam a formar historiadores.

O que desde logo seduz no livro do Prof. Halkin — e isso nunca é demais relembrar e repetir no nosso meio... — é a sua simplicidade. O Prof. Halkin não se perde num mundo de idéias pseudo-filo-

(1). — A título de sugestão lembramos o livro de Georg Warnecke: *Kunstgeschichtliches Bilderbuch für Schule und Haus*, publicado em 1927 por Alfred Kröner em Leipzig — Publicado entre nós completaria o primeiro, pois abrange escultura, arquitetura, pintura, possuindo também numerosas reproduções.

sóficas de duvidoso caráter imaginativo em que outros, com afoiteza, mergulham. Seguindo a lição de Henri Pirenne, Halkin também crê que o "historiador nada mais é do que um homem que se dá conta de que as coisas mudam e que procura saber porque elas mudam". A história é, segundo o espírito que a guia, uma arte ou uma filosofia e até uma ciência. Todos êstes modos de a considerar são legítimos, diz o Autor, embora suscitem sérias objeções. A história é uma arte difícil, uma ciência contestável e alimenta filosofias perigosamente imprecisas cujo desenvolvimento é nocivo, algumas vêzes, ao trabalho do historiador (p. 14). Mas a história não é, por certo uma coleção de pesquisas eruditas ou espetáculo de museu.

As filosofias da história e os mitos históricos originam-se da inquietação e os *profetas* em que muita vez se transformam certos filósofos da história, nascem dessa inquietação. A história propõe, porém, métodos mais rigorosos ao historiador. E é o emprêgo dêsses métodos rigorosos — e difíceis — que constitui a crítica histórica. Graças a esta, o homem conhece melhor o seu passado e se torna menos escravo dêle. Nisso, diz o Autor, consiste a verdadeira grandeza da história.

Não desêjo furtar ao leitor o prazer que êle terá em ler, e em receber, o grande número de sugestões que o livro do Prof. Halkin proporciona. Quero apenas chamar a atenção do possível leitor para o artigo *Intolerância e Inquisição,* a propósito dêsse *locus classicus* da história da intolerância que foi a Inquisição, o Prof. Halkin desenvolve uma série de considerações muito curiosas que têm por tema êste talvez sempre oportuno pensamento de Pascal: "On se fait une idole de la verité même, car la verité hors la charité n'est pas Dieu mais son image et une idole qu'il ne faut ni aimer ni adorer"...

J. CRUZ COSTA

FALCÃO (Edgard de Cerqueira). — *Nas Paragens do Aleijadinho,* 1955.

O sr. Edgard de Cerqueira Falcão, a quem a arte do Brasil deve tanto pelos magníficos volumes de documentação fotográfica, realizados quando ainda era pouco e incerto o interêsse pela nossa tradição plástica, publica hoje, com uma carta-prefácio de Basílio de Magalhães, ilustrações de J. Wast Rodrigues e capa do irmão Paulo Lachenmayer, O.S.B., êsse "Nas Paragens do Aleijadinho", que é um resumo do texto de "Relíquias da Terra do Ouro", atualmente uma raridade bibliográfica. O louvável intúito de não permitir que restasse confinado às bibliotecas dos colecionadores mais afortunados um punhado de informações úteis sôbre a arte antiga de Minas Gerais, bastaria para justificar e valorizar a iniciativa do sr. Edgard de Cerqueira Falcão, se tanto já não acontecesse pelo simples fato de reencontrá-lo no cultivo de sua especialidade.

Do livro, já pelo seu caráter sintético, não se esperarão longas descrições de monumentos, nem mesmo maiores análises históricas. Não obstante, as notas que nele sintèticamente registram as principais obras do barroco mineiro são precisas e seguras, como é hábito no autor. Mariana, Ouro Prêto, Sabará, São João e São José del Rei ali surgem com suas principais igrejas e construções civis, depois